

Pensamento e reflexão.

O Instituto Brasileiro de Filosofia, tendo me honrado com o convite de proferir esta conferencia de encerramento do seu ano letivo, me proporciona uma oportunidade de expor algumas considerações um tanto heterodóxas em torno daquele processo que chamamos "pensamento". Agradeço esta oportunidade e proponho, como ponto de partida dessas considerações a distinção cartesiana entre "res cogitans" (a coisa que pensa) e "Res extensae" (as coisas extensas). Podemos duvidar das coisas extensas, mas a coisa pensante é indubitável. E a relação entre esses dois mundos, entre o mundo duvidoso da matéria e o mundo indubitável do pensamento portanto, essa relação é misteriosa e pode ser estabelecida somente com o "concursum Dei", com a ajuda divina. A cosmo visao cartesiana, opondo o pensamento ao mundo dos corpos, estabelecendo portanto a relação de sujeito-objeto entre eles, e relegando à fé em Deus essa relação, é uma das fontes, senão a fonte principal, da civilização ocidental como a conhecemos. De certa forma podemos dizer que a Idade moderna, essa época do triunfo do Ocidente, não passa de uma realização progressiva da visao cartesiana. A coisa pensante, o sujeito, investe, durante essa época, contra o mundo dos corpos que é o seu objeto, com a dupla finalidade misteriosa de compreendê-lo e modificá-lo. A ciência é o método pelo qual o pensamento se precipita sobre os corpos para compreendê-los, e a tecnologia é o método pelo qual o pensamento se agarra aos corpos para modificá-los. O próprio êxito desses dois métodos, que é o triunfo do Ocidente, é também, ao meu ver, o começo do fim da Idade moderna, e talvez com isto o começo do fim do Ocidente. Porque o conhecimento do mundo dos corpos que a ciência proporciona ao pensamento revela progressivamente a dubiosidade desse mesmo mundo dos corpos, e a modificação nele operada pela tecnologia é portanto fútil. Em outras palavras: as conquistas epistemológicas e éticas do pensamento ocidental em seu avanço contra o mundo da matéria revelam progressivamente que falta, a esse método, o "concursum Dei" e que há algo de fundamentalmente errado na visao cartesiana da qual brotaram. Se a física moderna revela progressivamente e de muitas maneiras que o fundamento da matéria é o pensamento, já que os elementos da matéria como positrons, neutrons etc. são revelados como sendo mais símbolos do pensamento que outra coisa, e já que em certos processos fundamentais não é possível fazer-se a distinção básica entre observador e observado, portanto entre sujeito e objeto, há algo de errado na física como método de conhecimento. E se a tecnologia modificou o mundo dos corpos a ponto de tornar perfeitamente imaginável um estágio de fartura e de lazer infinito sem por isto diminuir a angústia e o tédio existencial dos homens, há algo de errado na tecnologia como busca de felicidade. ~~Algo é errado no estado da Dinamarca, e esse pedido devemos buscar~~, ao meu ver, no conceito do pensamento, tal como foi projetado ^{para} visao cartesiana e realizado pelo Ocidente no curso da Idade moderna.

A dicotomia que Descartes estabelece entre matéria e pensamento, entre corpo e alma, entre o duvidoso e o indubitável, é, ao meu ver, uma dicotomia nefasta. Mas confesso ser ela de superação muito difícil. Porque essa dicotomia, longe de ter surgido no sistema cartesiano, já está contida nos mitos primordiais que deram origem à civilização ocidental e que encontraram a sua expressão ritualizada no cristianismo. Descartes não passa, deste ponto de vista, de uma explícita citação do cristianismo. Já o cristianismo distingue, para falarmos com Vicente Ferreira da Silva, entre o salvável, que é a alma, e o sacrificável, que é o corpo. A dicotomia pensamento:matéria não é portanto fruto de uma distinção epistemológica, como parece ser se considerarmos somente Descartes, mas é fruto de todo um conjunto ético-religioso do qual participamos. Já que fomos projetados por esse conjunto, já que existimos nele e graças a ele, é tremendamente difícil imaginarmos um outro projeto existencial, no qual a nefasta divisão entre matéria e pensamento não seria o caso. Embora saibamos da existencia de outras civilizações como a indiana que desconhece essa divisão a ponto de conceber espíritos materializados, e da existencia de culturas chamadas "primitivas" que vivem em mundos pré-lógicos, isto é anteriores a essa divisão, é-nos impossível sorvermos existencialmente esses projetos alheios ao nosso. Mas é necessário tentarmos pelo menos esse salto para fora do nosso projeto, se é que tenho alguma razão em afirmar que a divisão pensamento:matéria ameaça a nossa civilização com o mergulho no abismo do tédio e da futilidade, justamente pelo êxito da ciência e da tecnologia. E creio ser possível até certo ponto esse salto, não pelo ultrapassar do nosso projeto, mas graças ao poder reflexivo do qual dispomos e o qual nos poderá conduzir até perto das nossas origens, daquelas origens nas quais se deu, in illo tempore, a divisão entre pensamento e matéria, entre alma e corpo. A reflexão portanto, para a qual convido os senhores, deve conduzir-nos até aquele ponto, (para recorrer a um mito), no qual se deu a expulsão do paraíso, isto é a alienação que é o nosso pensamento.

21

Que poder é esse que acabo de mencionar e que chamei de reflexivo? Para iluminá-lo, voltemos por um instante a considerar o processo do pensamento tal como o descrevi há pouco. Disse que o pensamento se precipita sobre os corpos para compreendê-los, e que se agarra a eles para modificá-los. O pensamento é portanto um processo explosivo que se expande para dentro do mundo dos corpos para devorá-lo. É o método desse devorar é a ciência e a tecnologia. Mas existe um outro movimento do pensamento, um movimento inverso. Nesse movimento contrário o pensamento se vira contra-si mesmo para devorar-se a si mesmo, isto é para compreender-se e modificar-se a si mesmo. A palavra "reflexão" indica a direção desse movimento, já que denota um recuo em direção oposta ao avanço. A palavra correspondente alemã "Nachdenken" (pensar atrás ou depois) indica a função desse movimento, já que denota controle. A palavra correspondente tcheca "rozmyšlení" (pensar analiticamente) indica o resultado desse movimento, já que denota a decomposição do pensamento. A reflexão é portanto o movimento inverso do pensamento que o controla e o decompõe em seus elementos. O método desse devorar do pensamento por si mesmo é a filosofia. A filosofia é portanto exatamente o contrário da ciência e da tecnologia. As tentativas empreendidas de diversos lados, por exemplo pelos marxistas, por Dilthey e por Husserl, de tornar científica a filosofia denotam, ao meu ver, uma total incompreensão do processo do pensamento. Se afirmo que, em nossa tentativa de evitar a queda da nossa civilização no abismo do tédio e da futilidade, devemos recorrer à reflexão, tinha eu em mente exatamente essa oposição entre filosofia de um lado, e ciência e tecnologia do outro. Não é com mais ciência e mais tecnologia que sairemos da situação angustiada na qual nos encontramos, mas com mais filosofia, se é que sairemos. É verdade que na descrição que acabo de lhes oferecer a ciência e tecnologia aparecem como as tendências progressivas do pensamento, e a filosofia como sua tendência regressiva. É verdade que o progresso está continuando a ser valorizado positivamente pela grande maioria, como herança dos dois séculos passados e a despeito de muitos sintomas inquietantes. Mas existem situações, reconhecidas mesmo por aqueles que poem sua fé no progresso, nas quais uma expansão excessiva exige um recuo para consolidação e descanso. Creio que devemos caracterizar assim a nossa situação, mesmo se formos otimistas, e a minha proposta de substituirmos a ciência e a tecnologia pela filosofia pode ser portanto encarada como um "reculer pour mieux sauter" mesmo por aqueles que não creem, como eu, estar o nosso progresso dirigido rumo ao abismo.

Disse que a reflexão metódica, a filosofia portanto, deve conduzir-nos até perto das nossas origens, em profundidades portanto que caracterizei pelo mito da expulsão do paraíso. Esse mito nos conta, conforme creio, em sua linguagem densa e poética, que caracteriza todo mito, o mistério do surgir do pensamento. Bem entendido: conta-nos do surgir do nosso tipo de pensamento, do pensamento ocidental, não do pensamento "tout court", se é que esse conceito tem algum significado. O mito da expulsão do paraíso é um mito ocidental que projetou as nossas existências, portanto nosso tipo de pensamento. Conta-nos esse mito que fomos expulsos e lançados para cá porque comemos do fruto proibido que permite a distinção entre o bem e o mal, do fruto da divisão e da dúvida portanto. Modernizando um pouco, poderei chamar esse fruto de anti-mescalina. A expulsão do paraíso, que pode ser descrito como o estado da não-divisão, da não-dúvida, para cá, que pode ser descrito como o estado da divisão e da dúvida, não é portanto um acontecimento de um passado histórico e remoto, mas sim um acontecimento mítico, isto é um acontecimento que a todos nós aconteceu e sempre acontece de novo. Estamos sendo expulsos do paraíso toda vez que distinguimos, toda vez que duvidamos. Aliás, duvidar é sinônimo de distinguir e de estar expulso, já que etimologicamente parente de dividir e de dois. Em alemão isto se torna ainda mais claro, já que "duvidar" (zweifeln) conduz ao "par paraíso" (verzweifeln), isto é ao desespero. A nossa expulsão desesperada do paraíso é portanto a própria dúvida, que é por sua vez um distinguir, um dividir, um ordenar portanto. Fomos expulsos do paraíso em direção da ordem e do progresso. Deixamos, sem esperança, para trás o caos da indistinção e da ingenuidade, que é o paraíso, e estamos sendo lançados impiedosamente em direção do cosmos da clareza distinta, que é, como diz o mito, a morte. Isto me parece ser a mensagem do mito, que foi reformulada, em sua versão mais moderna, por Heidegger na frase: "fomos lançados para cá e estamos aqui para a morte". Mas esse duvidar, que é um distinguir e um ordenar, é que o mito chama de expulsão, esse duvidar é o próprio pensamento. Com efeito, duvidar e pensar são sinônimos, e Descartes é, todo ele, um resultado desse sinonimato. A coisa per santeccartesiana é indubitável, justamente porque ela é a coisa que duvida. De acordo com Descartes a dúvida não pode duvidar de si mesma. A dúvida, portan

70 o pensamento, distingue e ordena o duvidoso, submete o duvidoso a uma ordem, afim de que o duvidoso deixe de se-lo e se torne indubitavel. O pensamento é portanto um processo absurdo. Duvida para deixar de duvidar, e trans-
 processo é absurdo em dois aspectos: é absurdo porque a meta do pensamento é acabar consigo mesmo, e é absurdo porque o pensamento pretende alcançar essa meta inalcançável pela transformação de tudo em pensamento. O pensamento em sua absurdidade é comparável à sede que quer matar-se bebendo o mar, porque é ab-
 surdo querer beber o mar inesgotável, e porque é absurdo querer beber o mar, já que com cada gota bebida a sede aumenta. Quanto mais progride o pensamento, tanto mais evidente se torna a sua dupla absurdidade, tanto mais evidente se torna ser o pensamento a expulsão do paraizo.

Duas são as perguntas que se impoem ao contemplarmos a imagem do pensamento que acabo de lhes propor: de que duvida o pensamento, e como duvida o pensamento? Reformulando: o que é o duvidoso e qual é a ordem à qual o pensamento submete o duvidoso? A primeira pergunta: o que é o duvidoso? me parece ser uma típica pergunta falsa e o problema por ela posto um típico pseudo-problema. For-
 que qualquer resposta que a ela possamos dar, (por exemplo a resposta cartesi-
 ana, que seria: o duvidoso são as coisas extensas) já será uma transformação do duvidoso em pensamento, portanto em indubitável. Não se pode definir o du-
 vidoso, porque a definição acaba com ele, já que o torna indubitável. A defi-
 nição de duvidoso é justamente a meta de todo o processo do pensamento, uma meta absurda. Porque se fosse alcançada essa definição, não somente acabaria o duvidoso, mas o próprio pensamento acabaria, já que não teria mais assunto. Estaríamos novamente no paraizo. Devemos portanto simplesmente dizer que o du-
 vidoso é a direção na qual o pensamento se expande. Mas como o pensamento se expande em todas as direções, tal qual o cosmos da astronomia, devemos dizer que o duvidoso é o horizonte do pensamento, portanto o não-pensamento, no sen-
 tido de situação fronteira do pensamento. Reformulando podemos dizer que o duvidoso é o lugar no qual o pensamento se expande, isto é o lugar no qual o pensamento se choça e abre para o nada. Pensar a respeito do duvidoso é jus-
 tamente expandir os horizontes do pensamento, e a dicotomia cartesiana entre coisa pensante e coisa extensa é uma dicotomia falsa.

A segunda pergunta: qual é a ordem à qual o pensamento submete o duvidoso? po-
 de agora ser reformulada da seguinte maneira: qual é a ordem na qual o pensa-
 mento se expande? Esta sim é uma pergunta autentica que admite resposta cla-
 ra. O pensamento se expande de acordo com as regras da lingua. Com efeito, o pensamento é uma corrente de frases que se formulam de acordo com regras lingui-
 sticas e que seguem uma à outra de acordo com essas regras. O pensamento, sen-
 do um distinguir e um ordenar, é um articular do duvidoso de acordo com as re-
 gras da lingua. Devemos imaginar o pensamento como uma teia que se expande em todas as direções, cujos fios são as regras linguísticas, e em cujas malhas im-
 pera o indizível. A teia não é uniforme. Em certos lugares ela se apresenta densa, como por exemplo na região da física, em outros lugares ela é frouxa.
 Na física as regras da lingua, em forma de matemática, encobrem quase totalmen-
 te o indizível, e é justamente por isto que nessa região o pensamento está se revelando aquilo que é: o saber transformador do duvidoso em lingua. Em out-
 ros lugares esse caráter puramente linguístico do pensamento não é tao patente, e nesses lugares ainda persiste a esperança de um conhecimento que não se ja simplesmente uma fação de parlar, uma esperança desesperada, conforme cre-
 io.

Voltemos, para interpretar a teia linguística que é o pensamento, ao mito da expulsão do paraizo. Essa expulsão é portanto equivalente a uma expressão, a um grito. Cada palavra é um grito assim, e com cada palavra que pensamos, com cada conceito que formulamos, estamos sendo expulsos do paraizo. A corrente das palavras, a conversação, é o pio que nos arrasta para mais longe das nos-
 sas origens, e pelo indizível que se esconde entre as palavras estamos sempre na proximidade das nossas origens. E desse indizível, dessas aberturas que a lingua conserva para o nada, é que brotam, sempre de novo, novas palavras e novos pensamentos. Estamos emergindo sempre do silencio primordial e ingenuos que é o paraizo. Com efeito, essas nossas aberturas para o nada do silencio ingenuo, essa nossa capacidade para o espanto diante o nada, essa nossa capa-
 cidade de gritar o nosso espanto, é sinal da nossa autenticidade. É sinal que ainda estamos na proximidade misteriosa do nada. Somente quando a teia da lingua se fecha inteiramente em nosso redor, quando se torna tao densa a não permitir mais aberturas, é que perdemos essa capacidade para o espanto. En-
 tao não podem mais surgir palavras novas e pensamentos novos. Estaremos presos da conversa fiada repetitiva e decairemos inautenticamente rumo à morte.

Essa decadência tem aspectos individuais e coletivos. Os aspectos individu-

4
ais são por demais comuns e conhecidos para serem mencionados. A física moderna é, ao meu ver, um exemplo do aspecto coletivo da conversa fiada. Tão afastada está ela das origens do pensamento, tão densa é nela a rede da língua, que está se aproximando rapidamente do círculo vicioso e tedioso das equações reduzíveis a zero. Está adquirindo, rapidamente, o clima existencial da inautenticidade, e os próprios físicos são os primeiros a confessar esse fato.

O pensamento é portanto um processo linguístico que se expande, a partir do silêncio paradisíaco, em direção da sua própria superação, de um novo silêncio portanto. O pensamento é a expulsão do paraíso em busca do paraíso. Mas o paraíso secundário que o pensamento busca começa a revelar o seu caráter no estágio atual do seu progresso, e demonstra ser inautêntico e tedioso. A soma dos conhecimentos que o pensamento está acumulando está se revelando como sendo reduzível a zero. É a civilização tecnológica perfeita que será o resultado desse conhecimento está se revelando, já muito antes de ser alcançada, como sendo tediosa. O paraíso em direção do qual o pensamento nós impele será indistintível do inferno. Com efeito, será o fim da dúvida, o fim do pensamento, será a morte. E aí o pensamento revela o seu aspecto mais absurdo. O pensamento é empolgante, é exuberante e aventureiro, enquanto aberto para o nada, portanto enquanto imperfeito. O pensamento perfeito, o pensamento bem sucedido, seria o tédio mortal, o círculo nojento de idem per idem. Mas, dirão os senhores, esse pensamento perfeito não representa perigo, já que é inalcançável, e o paraíso secundário não representa perigo, já que nunca será realizado. Não posso infelizmente concordar com esse argumento. Defini o pensamento como processo linguístico. A civilização ocidental, tal como ela se apresenta atualmente, reduz esse processo a umas poucas camadas linguísticas, caracterizadas pelas palavras "ciência" e "tecnologia", que são por sua vez reduzíveis à camada da matemática e da linguagem do simbolismo lógico. E estas poucas camadas são perfeitamente realizáveis, como o nosso progresso o prova. Pelo empobrecimento da conversação ocidental esta se aproxima, rapidamente, do estágio da conversa fiada. Dentro em breve, não terá mais assunto. Graças a esse empobrecimento o Ocidente terá realizado, dentro em breve, o paraíso na terra. Trata-se, ao meu ver, de um perigo real e quase iminente, um perigo que pode ser evitado somente pela abertura de novas conversações, mais próximas da origem e portanto mais capazes do espanto ante o mistério do nada. Essas aberturas são possíveis, porque estão previstas no projeto que nos lançou para cá, porque esse projeto é inesgotável. Mas é somente a reflexão metódica, é somente a filosofia, que pode abrir para nós essas aberturas novas, é somente a filosofia que pode mudar o rumo do progresso.

Disse que, além da expansão, conhece o processo do pensamento também a fase reflexiva, na qual procura conhecer-se a si mesmo. A dúvida que é o pensamento pode duvidar também de si mesma, pode, ela própria, tornar-se duvidosa. Neste ponto descordo, como vêm os senhores, da análise cartesiana da dúvida, que me parece pecar por insuficiente radicalidade. Essa dúvida da dúvida, esse refluxo do pensamento sobre si mesmo, isto é, ao meu ver, a definição da filosofia. E, tendo identificado pensamento com processo linguístico, posso definir a filosofia como a reflexão da língua sobre si mesma. Nessa reflexão a língua revelará a sua força produtiva e a riqueza inesgotável dos seus temas. O papel da filosofia autêntica na história da conversação era sempre este: descobrir reflexivamente os temas projetados na conversação e propô-los à realização pela conversação em progresso. E assim que surgirem as ciências a partir da filosofia, e é assim que devem surgir, a partir da mesma filosofia, novos temas a formar novas camadas linguísticas e novas realizações por ora inimagináveis. É assim que se me afigura evitável a queda da nossa conversação no abismo do silêncio inautêntico que a ameaça.

O processo do pensamento é absurdo. Pensamos para não precisar pensar mais, falamos para poder calar-nos. Mas a absurdidade do pensamento faz com que sejamos homens. Ser homem é ser absurdo. É inalcançável para nós a ingenuidade paradisíaca, o estado anterior à dúvida, a integração portanto. Somos, como homens, seres alienados, seres expulsos. Aceitemos a absurdidade do desterro. Devemos o mais possível e duvidemos num máximo de camadas possíveis. Ao expulsar-nos do seu seio a nossa origem nos arriscou, nas palavras de Rilke. Aceitemos esse risco. Não nos deixemos enjaular pelas poucas camadas agora em vias de realização pela conversação do Ocidente. Não tenhamos medo de novas palavras e de novos pensamentos. Abramos novas aberturas e experimentemos novos espantos. Assim, e somente assim, seremos dignos de sermos homens, isto é res cogitantes, coisas pensantes.